

**A AUTORIA NO GÊNERO  
ENTREVISTA PINGUE-PONGUE\***

SILVA, Nívea Rohling da<sup>1</sup>  
RODRIGUES, Rosângela Hammes<sup>2</sup>

---

\* Este trabalho é parte integrante do Grupo de pesquisa “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” e do projeto “Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem”, ambos coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC).

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: niveajoi@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. E-mail: hammes@cce.ufsc.br

**RESUMO:** Este artigo discute a concepção de autoria no gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin. Os dados de pesquisa são compostos por 52 entrevistas pingue-pongues, publicadas nas revistas semanais *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*, no período de 4 de outubro a 8 de novembro de 2006. A pesquisa mostrou um complexo processo de co-autoria entre jornalista e editoria. Nesse processo, cabe à editoria a responsabilidade de realizar o acabamento do enunciado; dar o “tom” apreciativo à entrevista ao escolher, dentre as perguntas realizadas na entrevista face a face, quais serão, de fato, publicadas; é ela quem tem autonomia para decidir sobre os “cortes” mais importantes, em outras palavras, é a editoria que define o que tem validade ou não, fazendo, assim, o enquadramento do discurso do entrevistado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoria; Gênero do discurso; Entrevista pingue-pongue; Círculo de Bakhtin.

**ABSTRACT:** We aim at presenting the conception of authorship regarding the genre ping-pong interview, from the magazine journalism. The theoretical-methodological basis concerns the theory of speech genres and theory of dialogic analysis of discourse from Bakhtin's Circle (ADD). The research data is composed by the ping-pong interviews (summing up 52 interviews) published on the weekly magazines *CartaCapital*, *ISTOÉ* and *Veja*, from the 4th of October to the 8th of November, 2006; a period of time that corresponds to the coverage of the second round of the presidential elections in Brazil. As the same, there is the fundamental role of the publishing, that assumes, before the journalistic enterprise, the responsibility of carrying out the statement's "finishing". It is the publishing which gives the genre a valuating "tone" when choosing, among the questions asked in the face-to-face interview, the ones which will be really published; also it is the publishing which has autonomy to set the title and subtitle and to make decisions concerning the most important "cuts" to be performed on the text, in other words, it is the publishing that defines what is valid or not, performing, this way, the framing of the interviewee's speech.

**KEYWORDS:** Authorship; Speech genre; Ping-pong interview; Bakhtin's Circle.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar análise de questões relacionadas à constituição da autoria (posição de autoria) no gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. Para atingir o objetivo proposto, inicialmente, delimitaremos o quadro teórico sobre a noção de autoria, que se insere nos estudos do Círculo de Bakhtin. Na sequência, apresentaremos o percurso metodológico escolhido para a análise

se, a descrição dos dados de pesquisa e uma exposição mais geral do gênero pesquisado. Por fim, apresentaremos as regularidades encontradas na análise referentes à posição de autoria no gênero entrevista pingue-pongue, bem como os efeitos de sentido dessas regularidades na construção da autoria do gênero em questão.

### A NOÇÃO DE AUTORIA NOS ESTUDOS BAKHTINIANOS

Bakhtin (2003, p. 308) diz que: “Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)” e esse “dono” do texto (o autor) possui direitos inalienáveis sobre a palavra. Ou, ainda, que “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 330).

Partindo da idéia de que todo texto (na condição de enunciado) tem um autor, cabe aqui definir o conceito de autor nos termos bakhtinianos. De acordo Bakhtin (2003, p. 176), “[...] o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso sua obra é também um momento desse acontecimento”. E, ainda, acrescenta que o “autor: é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personalidade e do todo da obra [...]” (BAKHTIN, 2003 p. 10).

Em recente trabalho, situando a noção de autoria na esfera literária, Faraco (2007) sistematiza o conceito de autor e autoria em Bakhtin. Segundo Faraco, a principal colaboração de Bakhtin sobre a questão da autoria (na literatura) é o estabelecimento da diferença entre autor-pessoa (escritor, artista) e autor-criador (função estético-formal engendrador da obra) (FARACO, 2007).

O autor-pessoa remete à clássica concepção de autoria oriunda do domínio literário (estilística clássica), em que autor e indivíduo se misturam em uma massa indivisível, depositando no autor quase que total autonomia e responsabilidade discursiva. Já o autor-criador, nos termos bakhtinianos, é constituinte do objeto estético; é aquele que dá forma ao objeto; “[...] o pivô que sustenta a unidade do todo esteticamente consumado” (FARACO, 2007, p. 37). Isso equivale dizer que o autor se constitui como uma posição axiológica de au-

tor-criador que vê o mundo e dá “acabamento” ao objeto, direcionando o olhar do leitor (FARACO, 2007).

Essa “posição axiológica maior” que orchestra o objeto estético relaciona-se a afirmação de Bakhtin (2003), quando diz que todo enunciado tem um autor e a ele (o autor) é facultada a “responsabilidade” de dar o acabamento estilístico e composicional ao objeto.

Segundo Rodrigues (2001, p.135), que se baseia nos estudos de Bakhtin, assim como todo enunciado tem um autor, “[...] todo gênero tem sua própria concepção de autoria”, que não está relacionada à pessoa física (empírica), mas a uma posição de autoria inscrita no próprio gênero. Nesse sentido, todo gênero estabelece entre seus interlocutores a sua própria concepção de autoria.

Sobre a questão da autoria, Alves Filho (2006) pondera que a autoria se circunscreve em um lugar de destaque na dinâmica do gênero, tendo uma função enunciativa essencial para a constituição e funcionamento dos gêneros. O autor afirma que “[...] os gêneros de discurso mantêm, exibem e semiotizam uma dada configuração de autoria, a qual tanto é variável em função dos próprios gêneros como contribui para a dinamicidade e a plasticidade dos gêneros” (ALVES FILHO, 2006, p. 77).

De acordo com Alves Filho (2006), todos os textos possuem autoria e mesmo que esta não seja semiotizada, pode ser inferida ou atribuída pelos interlocutores. Alves Filho (2006, p. 82), ancorado na teoria bakhtiniana, afirma que a responsabilidade enunciativo-axiológica dos textos insere-se nas esferas de atividades humanas (instancias discursivas), “[...] indo desde uma responsabilidade centrada num único indivíduo até aquela que se centra numa imensa coletividade social e histórica”.

Alves Filho (2006) apresenta um agrupamento das possibilidades de autoria, compreendida como uma responsabilidade enunciativo-axiológica, que vai desde aquela centrada no indivíduo até aquela que se marca em uma coletividade histórica. O agrupamento proposto pelo autor constitui-se de: *autoria de caráter individual privado; autoria de caráter socioprofissional; autoria institucional; e autoria cultural.*

A autoria de *caráter individual privado* refere-se aos casos em que o autor fala em seu próprio nome como um indivíduo da vida privada, embora esse dizer seja elaborado a partir de discursos outros. Nesse caso, o autor assume a responsabilidade do seu dizer através do uso da primeira pessoa. São exemplos de autoria de caráter individual a autoria de gêneros como: carta pessoal, poema, crônica.

Com relação à *autoria de caráter socioprofissional*, “[...] há uma superposição entre posição-indivíduo e a classe sócio-profissional, de modo que as referências à primeira pessoa são também uma referência a toda classe sócio-profissional ao qual o autor se vincula”. Nesses casos, a autoria se realiza por meio da própria categoria profissional, como porta-voz do dizer do autor, sendo comum para isso o uso de pronomes de primeira pessoa do plural. São exemplos de autoria de caráter sócio-profissional gêneros como: carta-aberta, *e-mail*, colunas assinada.

A *autoria institucional* é definida como aquela em que “[...] a voz que fala e assume a conclusibilidade e a posição axiológica é a voz de uma empresa ou entidade, havendo deliberadamente o apagamento a qualquer referência que aponte para o redator individual [...]”. Nesses casos, há uma preferência para o uso de recursos de impessoalização do discurso. Alguns exemplos de gêneros em que autoria institucional se apresenta são: edital, bula de remédio, editorial.

Por fim, a *autoria cultural* é aquela que ocorre na lenda, no provérbio, no conto folclórico e em algumas piadas. Nesses casos, a responsabilidade pelo dizer ultrapassa o indivíduo e as instituições, ancorando-se em universo cultural mais amplo. Segundo Alves Filho (2006, p. 82), “[...] trata-se de uma autoria cultural no sentido de que a responsabilidade enunciativa e valorativa reside numa coletividade ampla no tempo e no espaço sociohistórico”.

O agrupamento de autorias proposto por Alves Filho (2006) não tem finalidade taxionômica, mas objetiva a busca pelo entendimento da dinâmica da autoria em relação aos gêneros. E isso porque, segundo o autor, a autoria não corresponde a uma realidade anterior ou exterior aos enunciados, mas a uma construção que se opera nas práticas sociais de linguagem.

Esse agrupamento de autorias de Alves Filho, junto com as concepções do Círculo de Bakhtin, ajuda-nos a “olhar” nosso objeto de estudo, a entrevista pingue-pongue, tendo em vista que nesse gênero há uma junção de autoria socioprofissional e autoria institucional, como veremos na apresentação da análise.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Como esta pesquisa insere-se nos estudos analíticos de gêneros e de discurso do Círculo de Bakhtin, também tomamos como fundamento metodológico a *ordem metodológica* de cunho sócio-histórico proposta por Bakhtin/Volochinov (2004) para o estudo da linguagem.

Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social do gênero para posteriormente analisarmos sua dimensão verbal [dimensão linguageira]*. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula<sup>3</sup>, para, só então, proceder à análise de suas (relativas) regularidades languageiras, correlacionadas com as regularidades da situação social de interação. Entretanto, é importante salientar que esse procedimento de análise (a ordem de análise das dimensões do gênero, que, em dados momentos, são analisadas e apresentadas separadamente) justifica-se apenas por questões metodológicas, tendo em vista que as duas dimensões são indissociáveis na concretização do enunciado e, portanto, também do gênero. Segundo Rodrigues (2001, p. 248), “[...] tem-se uma relação inextricável entre as dimensões social e verbal do enunciado, que formam a sua unidade, e do enunciado singular e o seu gênero”.

Os dados da pesquisa constituem-se de todas as *entrevistas pingue-pongues*, 52 (cinquenta e duas) entrevistas, publicadas em três revistas semanais de informação, de circulação nacional:

<sup>3</sup> Como este artigo apresenta uma parte da totalidade da pesquisa realizada, as questões mais ligadas à dimensão languageira do gênero serão sucintamente discutidas aqui.

*CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*<sup>4</sup>, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Para este artigo, apresentaremos especificamente algumas regularidades da dimensão social do gênero pesquisado, conforme mencionado.

## O GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

A opção pelo uso do termo 'entrevista pingue-pongue', ou seja, da nomeação do gênero objeto de pesquisa como *entrevista pingue-pongue*, ocorre em função da polissemia do termo *entrevista*, que pode indicar uma variedade de gêneros nomeados como tal (entrevista de emprego, entrevista médica, entrevista face a face etc.); além disso, esse é o termo mais recorrente na esfera de trabalho do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para identificar as entrevistas que apresentam textualmente a sequência de perguntas e respostas, que são resultado e "representação" da reenunciação da entrevista face a face.

No jornalismo, segundo Oliveira (2002), a entrevista concretiza-se tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Na modalidade oral, é um importante gênero constitutivo da mídia radiofônica e televisiva. É comum, tanto no rádio quanto na TV, aparecer em forma de pergunta e resposta (pingue-pongue) entre entrevistador e entrevistado. No suporte jornal ou revista, também se realiza em forma de pergunta-resposta (pingue-pongue) (OLIVEIRA, 2002). Caracteriza-se textualmente pela apresentação/representação de uma entrevista na forma de perguntas e respostas, constituindo-se como resultado da edição/reenunciação da entrevista realizada face a face.

A entrevista pingue-pongue apresenta uma complexa relação discursiva entre entrevistador, editoria, entrevistado e leitor. Os interlocutores ocupam lugares diferenciados: quem pergunta (entrevistador), quem responde (entrevistado) e quem edita o texto. Mais do que posições diferenciadas, tem-se um

<sup>4</sup> As revistas são referenciadas pelo nome tal como esse aparece em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

complexo processo de co-autoria<sup>5</sup>, pois editoria, entrevistador e entrevistado constroem o texto. Contudo, vale ressaltar que a definição do conteúdo, composição e estilo do gênero é definida pelo jornal, a partir de uma linha editorial. Para Bonini (2000), a função interativa que se estabelece em qualquer entrevista jornalística é uma publicação em co-autoria que deve trazer algo de novo sobre o entrevistado.

A entrevista pingue-pongue constitui-se a partir da edição/reenuniação da interação direta (face a face) entre entrevistador e entrevistado, que foi gravada ou registrada em forma de anotações, e, mais recentemente, realizada através de *e-mail*<sup>6</sup>. A partir dessa interação, no processo de reenuniação e retextualização final da entrevista face a face, há o processo de reenuniação e modalização da fala do entrevistado, isto é, a sua fala transforma-se em discurso citado dentro da fala do entrevistador, que dá o acabamento ao enunciado (a entrevista). O que diz Bakhtin/Volochinov (2004) para o discurso relatado pode ser aqui aplicado, pois a fala do entrevistado, na reenuniação da entrevista pingue-pongue, é o discurso no discurso.

Desse modo, podemos dizer que o gênero entrevista pingue-pongue constitui-se como um discurso citado da entrevista face a face<sup>7</sup>, ou seja, há um enquadramento do discurso do entrevistado a partir de uma reenuniação da entrevista face a face. Esse discurso citado pode ser considerado como

---

<sup>5</sup> A questão da autoria será desenvolvida na parte analítica deste artigo.

<sup>6</sup> Em seu artigo, Bonini (2000) discute as peculiaridades da interação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado através da entrevista por *e-mail*, propondo estudar uma mídia que impõe um padrão diferenciado de interação, e que, conseqüentemente, apresenta uma textualidade distinta da entrevista clássica (face a face).

<sup>7</sup> A interação discursiva entre jornalista e entrevistado, que ocorre no momento da entrevista face a face, tanto pode ser reenunciada como *entrevista pingue-pongue* (objeto deste estudo) como em forma de *discurso citado (reportado)* do entrevistado, inserido em enunciados de outros gêneros (por exemplo, notícia, reportagem etc.). No caso de inserção do discurso citado do entrevistado em outro gênero, esse discurso passa a fazer parte de outra situação de interação discursiva, com objetivos discursivo-axiológicos diferenciados dos da entrevista pingue-pongue.

"[...] o discurso de outrem [do entrevistado] na linguagem de outrem [do autor], que serve para refratar a expressão das intenções do autor (BAKHTIN, 1998, p. 127).

Ainda sobre a entrevista pingue-pongue, queremos fazer menção ao que Bakhtin diz acerca do discurso do outro no gênero romance:

No romance, o homem que fala e sua palavra são objeto tanto de representação verbal como literária. O discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido, mas representado artisticamente e, à diferença do drama, representado pelo próprio discurso (do autor). Porém a pessoa que fala e seu discurso constituem um objeto específico enquanto objeto do discurso: não se pode falar do discurso como se fala dos outros objetos [...] os objetos inanimados, os fenômenos, os acontecimentos, etc. (BAKHTIN, 1998, p. 135).

Essa passagem do texto de Bakhtin (1998) se refere à "pessoa que fala no romance", em que há uma representação estética do discurso do outro. Já nos gêneros da "prosa extra-artística" (caso do nosso objeto de pesquisa), Bakhtin afirma haver um processo de transmissão do discurso do outro. Contudo, observamos que o discurso do "sujeito falante" na entrevista pingue-pongue não é apenas transmitido; há uma espécie de "encenação" da entrevista face a face, que é renunciada e valorada pelo autor da entrevista pingue-pongue.

E tendo em vista que, na entrevista pingue-pongue, o entrevistado e seu discurso constituem-se como objeto do discurso (quem é o entrevistado e o que ele diz), a valoração axiológica se sobressai, uma vez que esse entrevistado já vem envolvido em um "fundo" aperceptivo dos discursos alheios. Segundo Bakhtin (1998, p. 86), o objeto do discurso (no nosso caso, o entrevistado e seu discurso) "está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações". Contudo, não é qualquer pessoa que pode assumir o *ethos* de entrevistado; essa "posição" é "outorgada" aos leitores que possuem uma relação assimétrica com os demais leitores; eles são "selecionados" a partir de seu papel social, que os qualifica para assumir a "posição de entrevistado".

Dessa forma, o "fio condutor" na entrevista é o entrevistado e seu discurso, em outras palavras, o que interessa, de

fato, nesse gênero, é o entrevistado, cujo discurso, através do enquadramento feito pelo autor da entrevista, é “encharcado” de valoração, é “desacreditado”, é “contestado” ou “enaltecido” etc. Essa valoração dada ao entrevistado concretiza-se através de seu papel social, que é validado pelas “opiniões” sociais e pelos já-ditos sobre esse objeto (entrevistado).

Até aqui apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e as regularidades mais gerais sobre o nosso objeto de pesquisa. A seguir, faremos a exposição dos aspectos relativos à constituição de autoria no gênero pesquisado.

### A AUTORIA NA ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

Nesta seção apresentaremos as regularidades encontradas nos dados relacionadas à autoria no gênero entrevista pingue-pongue. A apresentação da análise está organizada a partir da seguinte linha expositiva: a) a caracterização do auditório social, ou seja, os participantes da interação discursiva, que se refere à posição de autor e de leitor previsto; b) uma exposição do percurso de produção do gênero que ocorre na esfera do trabalho do jornalismo; c) a constituição da autoria do gênero e os indícios dessa autoria na materialidade linguageira do gênero e seus efeitos de sentidos.

### O INTERLOCUTOR PREVISTO<sup>8</sup>

Segundo Bakhtin (2003), todo enunciado concreto da comunicação discursiva possui seus interlocutores reais; ainda, como já dito, todo gênero do discurso tem uma concepção de autoria, bem como de interlocutor. Bakhtin/Volochínov (1926, p. 14, grifo dos autores) afirma que “[...] o autor, herói e ouvinte em parte alguma se fundem numa só massa indiferente - eles ocupam posições autônomas, eles são na verdade ‘lados’, lados não de um processo judicial, mas de um evento [...]”. Em um primeiro momento, podemos considerar que os

<sup>8</sup> Nesta seção serão abordados, de um modo geral, os participantes da interação e, de modo específico, apenas o leitor previsto, uma vez que a autoria será discutida em seção específica, por constituir-se o foco do presente artigo.

participantes da interação do gênero entrevista pingue-pongue ocupam lugares (lados/papéis) diferenciados: o de quem pergunta (jornalista); o de quem responde (entrevistado); o de quem edita a entrevista (editor) e o de quem lê a entrevista (leitor) publicada na revista semanal.

Entretanto, essa simples definição de papéis não equaciona a complexidade envolvida na configuração desse auditório social. Isso por que toda entrevista pingue-pongue apresenta um discurso representado (citado) da entrevista face a face, pois o jornalista, ao reenunciar a entrevista face a face, cita e realiza um enquadramento de sua “fala” e da do entrevistado. Ainda, as duas entrevistas (pingue-pongue e face a face) situam-se em momentos enunciativos diferentes. Por isso, na entrevista pingue-pongue, como a interlocução entre jornalista e entrevistado é uma reenunciação da entrevista face a face já ocorrida, já não se trata mais da mesma interação, pois, conforme Bakhtin (2003), o enunciado é irrepetível, podendo somente ser citado ou mencionado.

Essa perspectiva altera sensivelmente a noção de auditório social do gênero em questão, em relação ao auditório social da entrevista face a face, uma vez que, na entrevista pingue-pongue, o “tu” a quem o jornalista se dirige já não é mais o entrevistado, mas o leitor. O entrevistado ocupa o papel de interlocutor na entrevista face a face. Na entrevista pingue-pongue, é ele e seu discurso citado que têm “espaço” na revista, porém como *conteúdo temático* da entrevista pingue-pongue, pois se trata de um discurso “enquadrado” pelo autor do enunciado (jornalista e editor), que dá o “tom” apreciativo ao referido discurso. Dessa maneira, ao enquadrar o discurso do entrevistado, via procedimentos de citação do discurso do outro, o autor o faz “umedecido” de seus julgamentos de valor.

Após a análise dos dados, consideramos que jornalista, editor e leitor são os participantes diretos da situação de interação discursiva do gênero entrevista pingue-pongue, mas que esse gênero cria um efeito, ou melhor, deixa transparecer “vestígios” dos participantes da interação da entrevista face a face, em que os interlocutores da situação de interação discursiva são constituídos pelo jornalista e pelo entrevistado.

Sobre a concepção de destinatário, que se relaciona à noção de leitor previsto, o autor propõe que, Bakhtin considera que

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Nessa perspectiva, o autor do enunciado se orienta pela visão que projeta do destinatário, pois, como afirma Rodrigues (2001, p. 143), "A projeção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo [...] orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor".

O leitor previsto<sup>9</sup> do gênero entrevista pingue-pongue constitui-se no leitor da revista em que o gênero é publicado. Isso se relaciona à característica do jornalismo de revista de se segmentar de acordo com o perfil de leitor, que faz com que cada revista tenha um público próprio. Dessa forma, a editoria da revista, através de pesquisas de mercado consumidor, realizadas por empresas especializadas em pesquisas midiáticas, constrói uma "imagem" do seu leitor (destinatário).

No caso desta pesquisa, trata-se de um público que demonstra maior interesse por notícias e informações tradicionalmente abordadas por revistas semanais de informação. O leitor das revistas *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja* busca informar-se sobre os diversos acontecimentos sociais da atualidade.

A seguir, apresentaremos o perfil do leitor das revistas pesquisadas, em grande parte construído a partir de dados fornecidos pela redação da revista *CartaCapital*<sup>10</sup>, que, por seu turno, teve como fonte as pesquisas da Ipsos Marplan<sup>11</sup>, empresa especializada em estudos de hábitos de mídia e con-

<sup>9</sup> Os dados colhidos e analisados sobre o leitor previsto do gênero não são suficientes para delinear de modo exaustivo o perfil do leitor do gênero; que extrapola os limites desta pesquisa.

<sup>10</sup> No material institucional enviado pela revista *CartaCapital* para as pesquisadoras, há informações sobre o perfil do leitor da referida revista em comparação com as demais revistas pesquisadas.

<sup>11</sup> Disponível em: [http://www.ipsos.com.br/m3.asp?cod\\_pagina=1083](http://www.ipsos.com.br/m3.asp?cod_pagina=1083).

sumo. Assim sendo, nas informações que se seguem (Cf. tabela I), somente os indicadores idade e sexo foram fornecidos pelas redações das revistas pesquisadas, com exceção da revista *ISTOÉ*, que não nos disponibilizou essa informação.

**TABELA I - PERFIL DO LEITOR PREVISTO DAS REVISTAS PESQUISADAS.**

<i>Indicadores do perfil do leitor previsto</i>	<i>CartaCapital</i>	<i>ISTOÉ</i>	<i>Veja</i>
Idade	17% - com idade entre 20 e 24 anos 34% - com idade entre 25 e 34 anos 16% - com idade entre 35 e 44 anos 11% - com idade entre 45 e 59 anos	Não informado	20% entre 10 a 19 anos 13% entre 20 a 24 anos 30% entre 25 a 39 anos 17% entre 40 a 49 anos 20% com mais e 50 anc
Sexo	55% - homens 45% - mulheres	Não informado	47% - homens 53% - mulheres
Formação	64% - Curso superior 15% - Pós-graduação 61% - Lêem/falam inglês 40% - Lêem/falam espanhol	37% - Curso superior 6% - Pós-graduação 32% - Lêem/falam inglês 20% - Lêem/falam espanhol	39% - Curso superior 7% - Pós-graduação 37% - Lêem/falam inglês 20% - Lêem/falam espanhol
Renda familiar	50% - Acima de 10 S.M. 11% - Acima de 30 S.M.	37% - Acima de 10 S.M. 7% - Acima de 30 S.M.	36% - Acima de 10 S.M. 7% - Acima de 30 S.M.
Possuem computadores	77%	55%	59%
Acessam Internet	69%	42%	48%
Utilizam serviços bancários on-line	46%	30%	31%
Utilizam débito automático	66%	57%	58%

Fonte: Adaptado de CartaCapital (2006).

A revista *CartaCapital* define ainda seus leitores como um público que faz parte da elite intelectual e econômica do país; segundo a revista, são pessoas que ocupam cargos de destaque em suas áreas de atuação e que influenciam na tomada de decisões que podem afetar seu produto ou serviço. A revista *ISTOÉ*, por seu turno, afirma que seu público constitui-se de diretores, executivos, gerentes e supervisores. Já a revista *Veja* não forneceu um maior detalhamento sobre o perfil do leitor. Tendo em vista de que se trata de revistas de informação, cujo objetivo é proporcionar ao leitor uma diversidade de assuntos, as pesquisas de opinião sobre a mídia revista também procuram agrupar o interesse do público leitor de acordo com os assuntos de seu interesse, conforme tabela a seguir:

**TABELA 2 - ASSUNTOS DE INTERESSE DO LEITOR PREVISTO DAS REVISTAS PESQUISADAS.**

<i>Assunto</i>	<i>CartaCapital</i>	<i>ISTOÉ</i>	<i>Veja</i>
Política nacional	85%	68%	65%
Política internacional	74%	54%	55%
Economia nacional e internacional	80%	72%	69%
Cultura dos povos/Antropologia	72%	61%	59%
Arte e cultura	76%	64%	64%
Ciência e tecnologia	74%	70%	68%

Fonte: Adaptado de *CartaCapital* (2006).

Os dados apresentados (Cf. tabelas 1 e 2) mostram que os leitores pretendidos pelas revistas semanais de informação são, em sua maioria, formadores de opinião e interessados em discussões da atualidade. Ao construir uma projeção do interlocutor e de seu horizonte de expectativas, e, por consequência, do gênero pesquisado, o jornalismo de revista leva em consideração a compreensão ativa desse leitor (interlocutor previsto do gênero).

Segundo Bakhtin (1998, p. 89), "Ao se constituir na atmosfera do 'já-dito', o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas é esperado". Isso se relaciona a uma das características fundamentais do enunciado, a responsividade, que é "a possibilidade de *responder a ele* [enunciado], em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva" (BAKHTIN, 2003, p. 208, grifo do autor).

No caso do nosso objeto de pesquisa, podemos observar inclusive a compreensão ativa através da reação-resposta ativa dos leitores, que pode ser presumida e demonstrada a partir das *entrevistas pingue-pongue* com os candidatos à Presidência da República do Brasil<sup>12</sup>, Lula (ISTOÉ, n. 1928, 2006) e Alckmin (ISTOÉ, n. 1928, 2006). Nessa interação, a resposta ativa do leitor pode ter ocorrido de duas maneiras: a) a influência que o leitor-eleitor pode ter “sofrido” no momento de seu voto, ou seja, a escolha de seu candidato à presidência pode ter sido “conduzida” pelas entrevistas lidas anteriormente; b) a reação-resposta ativa que pode ser demonstrada pela situação de dois leitores, que materializaram essa compreensão responsiva ativa através de enunciados de outro gênero do discurso, no caso, o gênero carta do leitor<sup>13</sup>. A primeira carta foi publicada na edição de 25/10/06 e a segunda, na edição de 01/11/06. Seguem as cartas na íntegra.



**FIGURA 1 - CARTA DO LEITOR I: UM EXEMPLO DE REAÇÃO-RESPOSTA ATIVA.**

<sup>12</sup> Referimo-nos aqui às eleições presidenciais no Brasil de outubro de 2006.

<sup>13</sup> Foge ao escopo desta pesquisa a análise do gênero carta do leitor. Assim, a inserção desse gênero (Cf. figuras 1 e 2) neste texto se justifica na tentativa de comprovar a questão teórica abordada sobre a reação-resposta ativa do leitor. Um trabalho mais aprofundado sobre esse gênero pode ser encontrado na pesquisa de HAESER (2005), intitulada, *O ensino-aprendizagem da leitura no ensino médio: uma proposta a partir de oficina com o gênero carta do leitor*, que também se insere nos trabalhos do grupo de pesquisa “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” (UFSC).

A primeira carta do leitor (Cf. figura 1) constitui-se em uma reação-resposta ativa do leitor do gênero entrevista pingue-pongue. O leitor-autor faz referência às entrevistas com os candidatos à Presidência da República Lula e Alckmin, publicadas na seção especial “Eleições 2006” da revista *ISTOÉ*, na edição de n. 1928<sup>14</sup>; no entanto, mais que referenciar as entrevistas, o leitor dá sua resposta ativa, opinando de maneira incisiva sobre o que foi dito nas entrevistas e ressaltando a importância de se conferir se as “promessas” feitas nas entrevistas serão cumpridas. Na sua resposta ativa, o leitor assume uma posição de autor, que traz “recomendações” aos demais leitores, a partir de um já-dito, as entrevistas lidas e mencionadas pelo leitor.

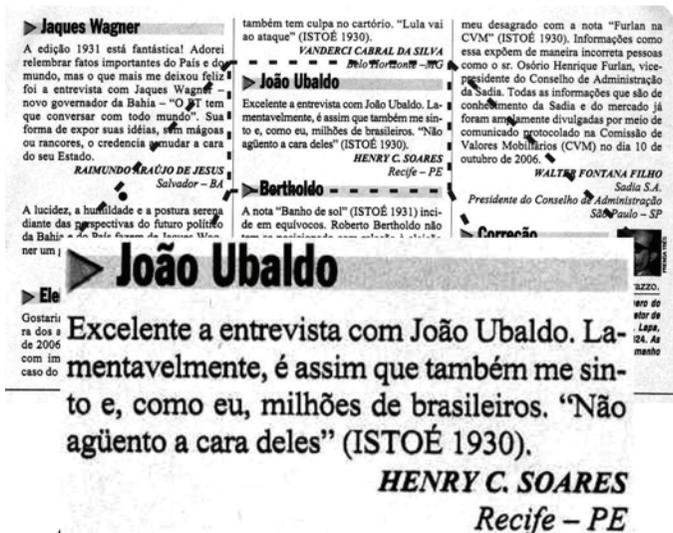


FIGURA 2 - CARTA DO LEITOR 2: UM EXEMPLO DE REAÇÃO-RESPOSTA ATIVA.

A segunda carta do leitor (Cf. figura 2) constitui-se em uma reação-resposta ativa à entrevista do escritor João Ubaldo Ribeiro (*ISTOÉ*, n. 1930, 2006). O leitor-autor parabeniza a re-

<sup>14</sup> A fotografia da capa da revista que é inserida na carta do leitor não é a referente à da edição da revista em que foram publicadas as entrevistas, mas da edição n. 1930. Tal situação pode ter sido um equívoco da redação da revista ou um ato intencional.

vista pela entrevista com o escritor e expressa sua “identificação” com o conteúdo temático da entrevista. Isso se materializa na carta do leitor através da referência que o leitor-autor faz ao título da entrevista pingue-pongue, “*Não aguento a cara deles*”.

Em ambas as cartas, as entrevistas pingue-pongues passam a ser um discurso citado, ou melhor, objeto do discurso da carta do leitor, evidenciando uma complexa relação dialógica entre os enunciados e seus gêneros, bem como o caráter responsivo ativo dos enunciados na dinâmica da esfera do jornalismo.

### OS INDÍCIOS DE AUTORIA NA MATERIALIDADE LINGUAGEIRA DO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

A definição da autoria no gênero *entrevista pingue-pongue*, como já mencionado, mostrou-se uma tarefa bastante complexa, pois o fato de existir uma assinatura, no início ou no final da entrevista, não garante o conhecimento da “real” autoria. Assim, com o intuito de compreender a autoria no gênero em questão, partimos da seguinte afirmação de Alves Filho (2006, p. 78): “[...] a autoria se situa num lugar onde a dimensão textual e a dimensão social se encontram e se co-constituem”. Diante disso, e mantendo no horizonte o aporte teórico-metodológico da pesquisa para analisar a autoria inscrita no gênero pesquisado, observamos o processo de produção do gênero para poder explicitar os indícios de autoria semiotizados no material languageiro do gênero.

Para entender a constituição da entrevista pingue-pongue, foi necessário investigar todo o processo discursivo de produção desse gênero. Para isso, buscamos, na esfera do trabalho do jornalismo de revista, informações desse processo, que, de acordo com Vannuchi (2007), compreende os seguintes passos:

1. *Definição da pauta*<sup>15</sup> - o corpo editorial do veículo de comunicação decide por determinada abordagem e por determinado entrevistado. A sugestão da pessoa a ser entrevistada pode ser feita pelo jornalista, pelo editor,

<sup>15</sup> A nomeação das etapas do processo de realização da entrevista face a face baseou-se nas considerações de Vannuchi (2007), porém, são de nossa autoria.

- ou mesmo pelo diretor da revista, sempre em função da noticiabilidade e do interesse público do entrevistado;
2. *Contato com o entrevistado* - é feito o agendamento do local e horário para a entrevista face a face;
  3. *Realização da entrevista face a face* - é realizada a entrevista, que é normalmente registrada em gravador, seja em fita cassete ou em formato digital;
  4. *Reenuniação da entrevista face a face* - nesta etapa, é decidido se a entrevista face a face será reenuniciada como entrevista pingue-pongue ou se será tratada como discurso citado inserido em um enunciado de outro gênero (reportagem, por exemplo). Na redação da revista, a editoria pode verificar que a entrevista face a face não atingiu o objetivo, enfim, que se mostrou "fraca", sem nenhuma novidade; assim, o projeto da matéria é imediatamente cancelado. Outras vezes, a editoria percebe que o assunto é bom, que há coisas novas, mas que esse conteúdo será melhor aproveitado se for inserido em enunciado de outro gênero ou, ainda, decide por publicar a entrevista face a face como entrevista pingue-pongue. Normalmente essa negociação ocorre entre o autor da entrevista face a face (o jornalista que a conduziu) e o editor responsável por aquela seção, por aquele espaço e por aquele assunto, enfim, pela editoria em que o assunto da entrevista se insere.
  5. *Transcrição do material gravado (1ª etapa de edição)* - nos casos em que a editoria define por publicar a entrevista face a face como entrevista pingue-pongue, o jornalista responsável pela entrevista face a face transcreve o material gravado. Inicia-se o primeiro processo de edição, já que o jornalista tem autonomia para alterar trechos confusos na fala do entrevistado, substituir termos muito técnicos por expressões adequadas aos leitores de sua revista e, principalmente, resumir grandes discussões em função do espaço na revista que terá

- à disposição<sup>16</sup>. Quase sempre, o número de páginas é previamente definido e sempre inferior ao que seria necessário caso a entrevista fosse publicada na íntegra. Porém, segundo Vannuchi, o jornalista de antemão já sabe dessa limitação de espaço e opta, deliberadamente, por produzir um conteúdo menor. Ele sabe que, em toda conversa, há muitas repetições, o que significa que alguns trechos serão cortados;
6. *Edição (2ª etapa de edição)*- a etapa seguinte ao registro da entrevista é a edição. Segundo Vannuchi, nesta etapa, é “a hora de separar o joio do trigo – e, de preferência, publicar o trigo”. O editor lê o que o jornalista lhe apresenta e realiza uma espécie de supervisão (ou um “controle de qualidade”) do que está no papel. O editor verifica se as idéias estão claras; se o texto está escrito de acordo com a norma padrão; se os termos técnicos estão explicados; se a linguagem está de acordo com o público alvo da revista; se há alguma coisa que precisa ser reescrita; se o jornalista deixou de fazer uma pergunta fundamental e se, em razão disso, deve ligar para o entrevistado a fim de sanar a dúvida deixada. Cabe ainda ao editor definir título e subtítulo da entrevista (muitas vezes aproveitando-se de sugestões dadas pelo jornalista) e checar se a apresentação do entrevistado e da entrevista (normalmente um ou dois parágrafos publicados antes da entrevista em si) foi igualmente bem escrita pelo jornalista. Uma observação importante a se fazer é que quando o próprio editor

<sup>16</sup> Quando o jornalista diz que, no processo de edição, há uma ação de “resumir trechos confusos ou melhorar as falas o entrevistado”, ele está realizando um trabalho de enquadrar e, conseqüentemente, de valorar o discurso do outro. Ou seja, o jornalista está definindo o que pode ou não ser publicado. Assim, o entrevistado, após a entrevista face a face, não tem mais “autoridade” sobre o seu dito, não se constitui mais em autor, mas em um discurso citado e enquadrado pelo horizonte valorativo do jornalista e, posteriormente, pelo editor da revista.

é o autor da entrevista face a face, ele mesmo cumprirá todas as etapas já apresentadas;

7. *Edição gráfica* - finalmente, a edição gráfica estabelece a “cara” que a entrevista terá depois de publicada, como, por exemplo, se aparecerá com ou sem foto (ou fotos). O texto, já montado, volta para o editor para que sejam feitos os últimos ajustes necessários para a boa apresentação visual da matéria: algum corte que ainda seja necessário, a composição da(s) legenda(s) da(s) foto(s), uma ou outra frase colocada em destaque (que se chama “olho” ou “janela” no jargão jornalístico) etc. Sobre esse processo de edição, lembramos que em algumas redações (revista *Veja*, por exemplo) ainda há o papel do revisor<sup>17</sup>, responsável por fazer a adequação linguística do texto à norma padrão. Trata-se de uma profissão quase extinta nas redações de jornais e revistas, cuja função acaba sendo desempenhada pelo editor, quando este faz o “fechamento” da entrevista, deixando-a completamente revisada e encaixada na página.

Além do processo de produção do gênero, perguntamos ao jornalista Vannuchi sobre a sua concepção de autor, ou seja, perguntamos a ele quem seria, na sua concepção, o autor da entrevista pingue-pongue. Optamos por reproduzir, na íntegra, a resposta do jornalista, para posterior análise.

*Pesquisadora:* Em sua opinião, quem seria o autor da entrevista pingue-pongue?

*Camilo Vannuchi:* O jornalista que fez as perguntas ao entrevistado<sup>18</sup>. Foi ele quem definiu os rumos da conversa, ouviu suas respostas e as interpretou para lançar a questão seguinte e conduziu o papo conforme lhe sussurrava a voz da razão. Munido

<sup>17</sup> Havia nas redações de jornais e revistas a função de *copydesky*, que era a pessoa responsável pela correção do texto. Atualmente utiliza-se o termo ‘revisor’.

<sup>18</sup> Podemos perceber que o entrevistado já não é mais considerado autor da entrevista. Ele (o entrevistado) e a sua “fala” passam a ser objeto do discurso.

de responsabilidade social e prática de abordagem, o jornalista torna-se o elo mágico entre o entrevistado e o público leitor. Ele tem o poder de decidir o que as pessoas vão ler (ou ouvir) daquele entrevistado e o que permanecerá oculto. Imagina ter o Bush à sua frente. Que perguntas você faria a ele? O jornalista é a pessoa que escolherá de que forma aquelas duas, três ou quatro páginas serão aproveitadas. Ele vai decidir se questiona o presidente americano sobre o etanol, sobre a guerra no Iraque, sobre o aquecimento global ou sobre a próxima sucessão presidencial. O que seu público gostaria de ouvir? O que é mais relevante? O que Bush jamais disse antes e poderia ser uma novidade? O que está de acordo com os objetivos pensados para aquela matéria em especial? Dessa forma, ao escolher o tema e dar sequência ao "interrogatório", o entrevistador se torna autor da entrevista. Da mesma forma que o médico-cirurgião é o autor da cirurgia (e não o paciente, o chefe do departamento ou o dono do hospital) (VANNUCHI, 2007, grifo nosso).

Na concepção de Vannuchi (2007), o jornalista responsável pela entrevista (face a face e pingue-pongue) deve ser considerado autor do gênero, em virtude de ter conduzido a entrevista e de ter realizado as perguntas iniciais e as novas perguntas suscitadas pelas respostas do entrevistado.

Entretanto, após a análise dos dados, podemos dizer que jornalista e entrevistado são co-autores da entrevista face a face, mas, no gênero entrevista pingue-pongue, percebemos a mediação decisiva da esfera jornalística e da empresa jornalística, via editor, como instâncias normatizadoras e de acabamento desse processo discursivo.

O que podemos deduzir dessa sequência de procedimentos para a produção do gênero, das considerações de Vannuchi e dos dados analisados é que ocorre um complexo processo de co-autoria, uma vez que a entrevista face a face é reenunciada pelo jornalista e pelo editor. Quem dá o acabamento estilístico-composicional ao gênero entrevista pingue-pongue, que sinaliza para a autoria, é a figura do editor, que se ancora em uma determinada linha editorial, definida pela empresa jornalística. Isso nos conduz à constatação de que ocorre um processo de co-autoria entre jornalista e editor.

Dessa maneira, podemos concluir que, no gênero entrevista pingue-pongue, há um processo de co-autoria entre

jornalista e editoria, em que o jornalista assume um papel imprescindível na produção do gênero, uma vez que é ele o responsável pela entrevista face a face e também pela retextualização do material gravado. Portanto, nessa etapa, ele é responsável pela primeira edição, momento em que se fazem os “cortes”, as alterações de alguns termos técnicos e redigem-se os parágrafos introdutórios que apresentam o entrevistado. Esse trabalho de edição se constitui em um acabamento estilístico-composicional próprio da responsabilidade do autor, contudo, além desse primeiro processo de edição, há o papel fundamental da editoria, que assume, perante a empresa jornalística, a responsabilidade de realizar o acabamento final do enunciado. É a editoria, que representa e é “porta-voz” da empresa jornalística, quem dá o “tom” apreciativo à entrevista ao escolher, dentre as perguntas realizadas na entrevista face a face, quais serão, de fato, publicadas e, ainda, como serão publicadas; é ela (a editoria) que tem autonomia para definir o título e os subtítulos, para decidir sobre os “cortes” mais importantes, em outras palavras, é a editoria que define o que tem validade ou não, o que deve ou não ser publicado, fazendo, assim, o enquadramento do discurso do entrevistado.

Após pesquisarmos os indícios da constituição da autoria no processo de produção do gênero e nos papéis desempenhados pelos interlocutores durante o “trajeto de edição”, ou seja, de analisarmos a autoria a partir da dimensão social do gênero, também pesquisamos os indícios de autoria no próprio material linguageiro, ou seja, na dimensão verbal do gênero. Estes indícios materiais se relacionam ao horizonte valorativo do gênero e ocorrem de forma diferenciada nas diversas manifestações do gênero.

Em virtude das manifestações discursivas, textuais e axiológicas diferenciadas do gênero nos dados analisados, fizemos o seguinte agrupamento das entrevistas:

1. *Entrevistas pingue-pongues nucleares* - publicadas nas páginas vermelhas e nas seções principais da revista *ISTOÉ*; nas páginas amarelas e seções principais da revista da *Veja* e em qualquer seção na *CartaCapital*.

2. *Entrevistas pingue-pongues satélites*<sup>19</sup>, que são publicadas em seções diversas como, por exemplo, nas seções destinadas a colunismo social (Holofote (*Veja*) e Gente (*Veja*)), nas seções dedicadas a discutir acontecimentos políticos da semana (Brasil Confidencial (*ISTOÉ*) e nas seções que discutem comportamento, profissão, saúde, etc. (seção GUIA *Veja* (*Veja*)), onde a entrevista pingue-pongue cumpre a tarefa de completar e/ou reafirmar outros enunciados, como reportagens.

O critério para esse agrupamento das entrevistas foi estabelecido a partir da percepção de que, nas variadas manifestações do gênero nas edições pesquisadas, algumas entrevistas se encontram em uma posição de independência em relação aos demais gêneros e ocupam, nesses casos, uma página ou até mesmo uma seção da revista, o que nos levou a nomear esse conjunto de entrevistas como *entrevista nuclear*. Já em outros casos, o gênero se encontra em posição de subordinação a outros gêneros em uma mesma página da revista e, conseqüentemente, em uma mesma seção; a esse conjunto, atribuímos o nome de *entrevista satélite*.

Assim, observamos que os indícios de autoria também se materializam de forma diferenciada quando se observa o agrupamento das entrevistas, conforme mostraremos a seguir:

*Nas entrevistas nucleares*, os indícios de autoria se concretizam em duas situações que se apresentam concomitantemente: a) assinatura do jornalista inscrita na entrevista e b) referência à revista, que é materializada linguisticamente de duas maneiras: quando o nome da revista é inserido na apresentação do entrevistado e quando o nome da revista é inserido no início da pergunta.

Na sequência, apresentamos (Cf. as figuras 3 e 4) esses indícios de autoria materializados em uma entrevista pingue-pongue nuclear.

<sup>19</sup> As entrevistas pingue-pongues satélites não são publicadas pela revista *CartaCapital*.

a) Assinatura do jornalista inscrita na entrevista e a referência à revista na apresentação do entrevistado:

**ENTREVISTA** JOÃO UBALDO RIBEIRO

## “NÃO AGÜENTO A CARA DELES”

**A** poucos dias do segundo turno das eleições presidenciais, o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, 65 anos, ainda não sabe o que vai fazer quando estiver frente a frente com a urna eletrônica. Quem lê seus artigos sabe que ele tornou público o seu descontentamento com o presidente Lula, a quem ajudou a eleger em 2002. “Não posso negar minha desconfiança de que Lula não é tão verdadeiro quanto quer fazer parecer”, diz ele. João Ubaldo tampouco considera a possibilidade de votar no tucano Geraldo

**Por ELIANE LOBATO**

**Totalmente desencantado com os políticos brasileiros, o escritor baiano não consegue sequer assistir aos debates eleitorais na tevê**

Alckmin por total falta de afinidade ideológica. A saída óbvia seria o voto nulo, mas o escritor relata: “Tenho espírito cívico.” Esse desencanto com o quadro político brasileiro é a tônica de seu novo livro, *Agente se acostuma a tudo* (Nova Fronteira), que reúne crônicas publicadas nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. Nessa entrevista a *ISTOÉ*, João Ubaldo fala de política, reafirma a angústia de enfrentar diariamente a criminalidade carioca e revela como se livrou do alcoolismo: “Deixei de beber por causa da reza.”

ISTOÉ/1930-14/10/2006

FIGURA 3 - INDÍCIOS DE AUTORIA NA ENTREVISTA PINGUE-PONGUE NUCLEAR I.

A entrevista com o escritor João Ubaldo Ribeiro (ISTOÉ, n. 1930, 2006) foi publicada na seção de entrevistas da revista *ISTOÉ* (páginas vermelhas) em uma edição anterior ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Na figura 3, os indícios de autoria se materializam na inserção do nome do jornalista: “Por **ELIANE LOBATO**” - em letra maiúscula, mas com menor

destaque - e na referência à revista *ISTOÉ* no texto introdutório: “Nessa entrevista a *ISTOÉ*, João Ubaldo fala de política (...)”.

**b) Referência à revista no início da pergunta:**

**ENTREVISTA**

**ISTOÉ** – Já decidiu em quem vai votar para presidente da República?  
**João Ubaldo Ribeiro** – Eu não tenho em quem votar. Estou numa situação que me deixa exasperado porque tenho senso cívico. Minha posição é pública e devo dizer que agora estão inventando a moda de que Lula é um voto de esquerda. Esse pessoal que vive falando de esquerda pertence a uma área meio indefinida dos intelectuais, não faz ideia do que se seja isso.

**ISTOÉ** – Por quê?  
**João Ubaldo** – Em primeiro lugar, Lula disse que não é de esquerda. Em segundo, o que ele fez de esquerda em seu governo? Ai vem uma gente que se acha cheia de razão e fala: você está por fora, você não sabe do plano que está montado para um segundo governo. Ninguém escolheu mais Fernando Henrique do que eu. Agora, vamos botar o dedo em certas feridas. Não estou julgando ninguém e muito menos condenando. Tampouco estou fazendo acusações. Mas tem muita gente que armou uma boquinha de subsídio e financiamentos com o PT e não quer que o governo mude.

**ISTOÉ** – O que o faz criticar o governo Lula tão duramente em suas crônicas?  
**João Ubaldo** – Eu estou, como a maioria dos brasileiros, com uma enorme frustração em relação ao candidato em quem eu votei. No começo do governo, eu apoiiei e defendi Lula. Encontrava gente na rua querendo que eu o esculhambasse e dizia: é muito cedo, vamos dar uma oportunidade ao homem. Defendi Lula até na Europa. O problema não foi somente a corrupção não, foram todas as grandes bobagens e erros do governo.

**ISTOÉ** – Como os seus leitores reagem?  
**João Ubaldo** – Tenho recebido e-mails dizendo que Lula fez um governo extraordinário. Eu fico de queixo caído quando leio isso. Uns me chamam de reacionário. Só não podem dizer, porque a documentação é pública, que eu elogiei Fernando Henrique. Cheguei a

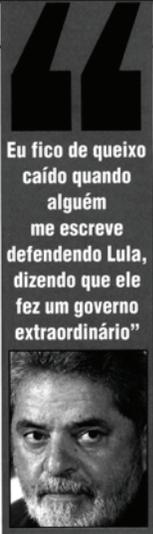
escrever que se ele (Fernando Henrique) entrasse na academia (Academia Brasileira de Letras) eu não ia mais lá. Não sou o único que tem razão no mundo, posso estar inteiramente sem razão. Mas esse negócio de dizer que a opção de esquerda é Lula, ora vai para a...

**ISTOÉ** – O sr. viu o debate?  
**João Ubaldo** – Eu me recusei. Não agüento ver a cara deles.

**ISTOÉ** – Não teve vontade de pelo menos conhecer a plataforma do candidato Geraldo Alckmin?  
**João Ubaldo** – Não quis ver porque ele não tem.

**ISTOÉ** – O que esperava de Lula?  
**João Ubaldo** – Ele foi um presidente constitucionalmente eleito, não assumiu o poder à testa de uma revolução. Então, o que ele pode fazer é muito limitado. Inclusive, disse isso quando era hora de defendê-lo. O que vocês querem que ele faça? Ele não é um ditador, foi eleito e tem de obedecer aos limites constitucionais, que são difíceis. Mas o que não se esperava foi o que aconteceu durante esse governo todo.

**ISTOÉ** – Refere-se às acusações de corrupção?  
**João Ubaldo** – Eu não comeci as críticas nem pela corrupção. Foi pelo próprio governo dele, depois pintou a corrupção e eu critiquei também. O que eu esperava de Lula era, em primeiro lugar, um programa político, um programa de ação, que não há. O País não tem objetivo, é uma coisa pintando



**Eu fico de queixo caído quando alguém me escreve defendendo Lula, dizendo que ele fez um governo extraordinário”**

aqui, outra ali. Não existe nem projeto e nem sequer um slogan que motive, como “cinquenta anos em cinco” ou como “a nova fronteira”, como houve lá nos Estados Unidos.

**ISTOÉ** – Mas o que o sr. esperava de Lula?  
**João Ubaldo** – Esperava que Lula partisse para um combate duro e esperava votar nele na reeleição. Esse combate duro seria por uma reforma agrária decente, uma reforma tributária decente, uma reforma administrativa decente. Ele fala da educação, mas vá ao Fundão (onde se localiza a Universidade Federal do Rio de Janeiro), de onde minha filha graças a Deus saiu. Minha filha, no mesmo lugar onde circula esturpador, assaltante, matador. Assim como a Saúde, que Lula diz que melhorou. Ora, vamos botar um limite nessa conversa, eu não vou ficar ouvindo isso.

**ISTOÉ** – O sr. nem chegou a considerar a possibilidade de votar no candidato do PSDB?  
**João Ubaldo** – É uma coisa difícil, para mim, votar no Alckmin. Não por ele pessoalmente, que nem conheço. Ele não me representa. Eu não tenho candidato, eu não tenho em quem votar. Eu e milhões de brasileiros.

**ISTOÉ** – O sr. comemorou a derrota de Antônio Carlos Magalhães na Bahia?  
**João Ubaldo** – Não comemoro a derrota dele porque acho que nada vai mudar. Acredito que o novo governador da Bahia não vai se dar bem porque não tem vivência baiana e não vai pe-

**FIGURA 4 - INDÍCIOS DE AUTORIA NA ENTREVISTA PINGUE-PONGUE NUCLEAR 2.**

Na figura 4, observamos a inserção do nome da revista *ISTOÉ* no início da pergunta. Nesse caso, quando o nome da revista introduz a pergunta, é como se a própria revista estivesse realizando a pergunta ao entrevistado. Podemos dizer que através dessa inserção do nome da revista no início

SILVA, Nivea Rohling da; RODRIGUES, Rosângela Hammes

357

da entrevista ou na pergunta, a empresa jornalística assume a autoria de maneira mais contumaz: há nitidamente uma assimilação de vozes - a voz do jornalista (que assina a entrevista) e da empresa jornalística -, pois se marca textualmente a presença da empresa jornalística ao se introduzir o nome da revista na posição de entrevistador.

Já nas entrevistas satélites, a presença dos indícios de autoria se complexifica. Isso se verifica com relação ao sistema de assinatura das revistas pesquisadas, pois, na análise dos dados, encontramos 17 entrevistas que não apresentaram o nome do jornalista responsável (desas 17 incidências, 10 foram encontradas na revista *Veja* e 7 na revista *ISTOÉ*). Os casos observados em que se realiza um apagamento do nome (assinatura) do jornalista ocorreram nas entrevistas de menor visibilidade; nessas situações, menciona-se simplesmente que o entrevistado concedeu a entrevista à referida revista, sem fazer menção ao jornalista.

Apresentamos, na sequência, uma entrevista pingue-pongue satélite, em que destacamos os indícios que remetem à noção de autoria.

## “NÃO SOU NENHUMA PROFETISA, TÁ?”

A novela *O Profeta*, da Rede Globo, tem como tema central a paranormalidade. Uma de suas protagonistas, a atriz **Carol Castro**, disse à repórter Heloisa Joly que morou em um castelo numa vida passada

### Veja – Você segue alguma religião?

**Carol** – Peguei coisas de várias religiões e fiz a minha. Frequentei templo hare krishna, pratico budismo, acredito em Deus, em santos, na influência dos planetas, na força da natureza e no espiritismo.

### Veja – E em premonição, que é o tema de *O Profeta*?

**Carol** – Também. Temos uma frequência e se sintonizarmos a estação cósmica certa podemos fazer contato com espíritos e seres de outro mundo. Isso é maior do que a nossa capacidade de entender, entende?

### Veja – Você já fez contato com espíritos ou com seres de outros mundos?

**Carol** – Quando era criança, via luzes e espíritos. Esse tipo de coisa que toda criança vê. Cheguei a contar à minha mãe toda a minha vida passada. Sabe que eu morei num castelo, era casada e tinha uma mãe que fumava? O nome dela era Marcela.



**FIGURA 5 -**  
INDÍCIOS DE AUTORIA  
NA ENTREVISTA PIN-  
GUE-PONGUE.SATÉLITE.

Na figura 5, observamos uma entrevista satélite, com a atriz *Carol Castro* (*Veja*, n. 41, 2006), publicada na revista *Veja*, na seção Holofote, que ocupa um dos menores espaços de uma entrevista, a saber, uma coluna pequena, ou seja, menos da metade da página. Nessa entrevista, os indícios de autoria se materializam de duas maneiras:

- a) **Inserção do nome da repórter responsável pela entrevista face a face materializada linguisticamente na introdução da entrevista:** "(...) a atriz *Carol Castro* falou a repórter *Heloisa Joly* (...)". Nessa entrevista, o termo utilizado para nomear a entrevistadora é 'repórter' e não 'jornalista', o que implica uma valoração axiológica em relação às posições assimétricas imbricadas na hierarquia da empresa jornalística (editor, jornalista, repórter, etc.). Isso pode se melhor compreendido se com-

pararmos a entrevista satélite com a nuclear (entrevista valorada positivamente)<sup>20</sup>: nesta não há referência ao jornalista como 'repórter' e, além disso, em alguns casos, são os próprios editores que realizam a entrevista, desde o contato inicial com o entrevistado até a publicação da entrevista<sup>21</sup>.

**b) Inserção do nome da revista *Veja* materializada linguisticamente na sequência de perguntas e respostas:** nesse caso, a empresa jornalística assume o papel de autoria, na condição de entrevistador.

Em resumo, as entrevistas nucleares, que constroem, na maioria das vezes, uma valoração positiva em relação ao entrevistado e seu dizer, apresentam a assinatura do jornalista e a referência à revista. Essas entrevistas apresentam indícios que, de certo modo, materializam a co-autoria entre o jornalista (responsável pela entrevista face a face e pela primeira parte de edição) e a editoria. Dessa maneira, validam o que apresentamos anteriormente sobre a co-autoria entre jornalista e editoria que ocorre no processo de produção do gênero. A assinatura refere-se ao jornalista, e a referência ao nome da revista, por sua vez, representa a editoria. Já nas entrevistas satélites, os indícios não se materializam de forma regular. Em algumas situações, temos a assinatura do jor-

---

<sup>20</sup> Utilizamos o termo “valoração positiva” para os casos em que o entrevistado e seu discurso são valorados positivamente pela empresa jornalística e, conseqüentemente, pelo leitor; e “valoração negativa” nas situações em que há uma valoração depreciativa com relação ao entrevistado e seu discurso.

<sup>21</sup> Podemos citar como exemplo as entrevistas com os candidatos à Presidência da República, *Luiz Inácio Lula da Silva* e *Geraldo Alckmin*, na edição n. 1928 da revista *ISTOÉ*, de 04/10/2006. As duas entrevistas foram realizadas (e assinadas) por editores da revista *ISTOÉ*, Marco Damiani (editor executivo) e Rudolfo Lago (editor especial). A informação de que ambos os profissionais eram editores da revista *ISTOÉ* na ocasião da publicação das entrevistas foi obtida através de consulta ao *site* da redação, disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>, acesso em 20 de maio de 2007.

nalista ou do repórter e a referência ao nome da revista; já em outros casos, há o apagamento da assinatura do jornalista, aparecendo, somente, a indicação do nome da revista.

Após a apresentação da análise, podemos reafirmar que o objeto do discurso, ou seja, o entrevistado e seu discurso, é, para o autor da entrevista pingue-pongue, uma concentração de vozes multidiscursivas<sup>22</sup>, dentre as quais ressoa a sua voz (de autor). Entretanto, o gênero produz um efeito de sentido que leva o leitor a pensar que é a voz do próprio entrevistado que se manifesta na entrevista pingue-pongue. Toda essa construção discursiva cria um fundo aperceptivo necessário para a criação de matizes ideológicos da esfera jornalística, pois, segundo Bakhtin (1998), todo e qualquer discurso da prosa extra-artística (a jornalística, por exemplo) não pode deixar de se orientar para o já-dito, para o conhecido, o que nos conduz à questão de autoria no gênero entrevista pingue-pongue. Mostramos que ocorre uma complexa relação de co-autoria nesse gênero, sendo que o acabamento estilístico-composicional e, logo o “acabamento axiológico” é de responsabilidade da instância discursiva do jornalismo, representada pelo jornalista e pela editoria. Esse trabalho de co-autoria cumpre o projeto discursivo da revista através do enquadramento do discurso do entrevistado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, mostrar que a posição de autoria inscrita no gênero entrevista pingue-pongue se constitui a partir de um complexo trabalho estilístico-composicional e axiológico da própria instância jornalística, representada por jornalista e editoria. Nesse sentido, observamos que essa co-autoria não se mostra de forma explícita. Prova disso são os efeitos de sentidos que o gênero produz

<sup>22</sup> Esse conceito se deu a partir de uma analogia com o que Bakhtin (1998) diz sobre a autoria no romance: “O objeto é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz; essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz [...]” (BAKHTIN, 1998, p. 88).

ao construir uma “representação da cena enunciativa” em que a autoria se inscreve na relação entre jornalista e entrevistado. Contrariamente a esse efeito de sentido, observamos que o entrevistado, na entrevista pingue-pongue, passa a ser discurso citado e não mais possui posição de autoria. Mostramos também que a apreensão da noção de autoria nesse gênero demanda uma análise dialógica que considere tantos os aspectos relacionados ao percurso de produção do gênero na esfera do trabalho do jornalismo, quanto os indícios de autoria materializados no gênero (nome do autor ou da revista). Ou seja, a noção de autoria só pode ser apreendida no estudo conjunto das dimensões social e linguageira do gênero.

Além disso, de forma mais geral, foi possível perceber que a análise da autoria ancorada na perspectiva bakhtiniana implica, necessariamente, em um alargamento do conceito de autoria. Nos estudos bakhtinianos, a posição de autoria transcende a noção de autor individual (comumente postulado nos estudos literários), o que aponta um deslocamento teórico significativo que, a nosso ver, constitui uma área fértil para pesquisas na área de gêneros do discurso.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO. *A autoria institucional nos editoriais de jornais*. Alfa, São Paulo, v. 50 (1), p. 77-89, 2006. Disponível em: [http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/07\\_ALVESFILHO.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/07_ALVESFILHO.pdf). Acesso em 21 de maio 2007.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira I I. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BONINI, Adair. *Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero*. Revista de Letras, Fortaleza - CE, v. 22, n. 1/2, p. 5-13, 2000.

CARTACAPITAL, Redação da revista. *Apresentação Institucional*. 05 dez. 2006. [Obtido via e-mail].

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 37-60, 2007.

HAESER, Márcia Elisa. *O ensino aprendizagem da leitura no ensino médio: uma proposta a partir de oficina como gênero carta do leitor*. Dissertação de mestrado. PGL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. (2002). *O gênero entrevista na imprensa escrita e sua relação com as modalidades da língua*. Disponível em:

[http://www.fiamfaam.br/comunicacao/projetos/inovacoes/idademidia/pdfs/art\\_111-116\\_iml.pdf](http://www.fiamfaam.br/comunicacao/projetos/inovacoes/idademidia/pdfs/art_111-116_iml.pdf). Acesso em 15 jul. 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.

VANNUCHI, Camilo. *Processo de produção da entrevista pingue-pongue*. Entrevista concedida via e-mail em 03 de maio. 2007.

## REFERÊNCIAS DOS DADOS DE PESQUISA

ALCKMIN, Geraldo. O Brasil pisou no freio. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.

CASTRO, Carol. "Não sou nenhuma profetisa, tá! *Veja*". São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 1º de nov. 2006.

DA SILVA, Luiz Inácio Lula. Sempre fui contra a reeleição. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. Não aguento a cara deles. *ISTOÉ*. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 out. 2006.